

17.julho.1962 - 3ª Feira

Despreocupadamente na manhã de hoje tomei o meu costumeiro cafezinho e parei para conversar numa roda de amigos.

Os assuntos se sucediam numa sequência rápida que, embora de início não me causasse curiosidade, a medida que os minutos foram se passando, comecei a ficar intrigado com a atitude de meus companheiros de conversa.

Um deles, nervosamente, a cada instante tirava um cigarro, oferecia a todos nós mas sequer esperava que alguém aceitasse, pois o recolhia incontinenti.

E, a cada momento que esta cena se repetia, ninguém achava anormal aquela atitude. Isto é, ninguém não, porque eu fui cada vez mais estranhando aquele quase ritual.

Outro, cada instante que alguém tomava de um cigarro, pegava os fósforos, riscava um palito e sem acender o cigarro do companheiro que aguardava a gentileza, apagava o fósforo e o jogava fora.

E seu companheiro sem nada estranhar, permanecia impassível acendendo ele próprio o seu cigarro, sem se dar conta da gentileza não consumada.

Outro ainda, embora parecesse estar presente de corpo à nossa conversação, seu espírito deveria estar bastante distante, em longos e intermináveis passeios pela imaginação.

O único sinal de presença que vez por outra nos dava, era um som emitido em forma de grunhido, concordando com tudo que se dizia, embora pudesse ser o maior dos absurdos.

E outro ainda, a cada minuto desabotoava preocupadamente seu paletó, abotoava-o errado, tornava a desabotoar e tornava a abotoar erradamente.

À vista daquela cena de meus companheiros de conversa, comecei a imaginar que certamente as radiações atômicas haviam chegado até Jacarezinho e algumas pessoas já houvessem sido atingidas. E concluí orgulhosamente o meu pensamento, supondo como sendo eu o primeiro a descobrir que as radiações atômicas deixavam o indivíduo louco...

E, enquanto eu me encontrava perdido com minha imaginação, vendo-me já glorificado pelo restante do mundo, noto que, repentinamente, ficara sozinho!

Meus quatro companheiros haviam desaparecido sem que eu o notasse. Olhei em derredor e logo os encontro, aglomerados com mais um grande número de pessoas, procurando ver algo.

Corri na direção deles, supondo que algum acidente tivesse acontecido, ainda a tempo de ouvir um deles dizer...

- Puxa vida! Por um ponto que eu não ganho o "bolo"...

Só aí então pude compreender o nervosismo de meus companheiros de conversação: o desejo não só de ganhar o tão cobiçado "bolo de palpites de futebol" que a Esportiva organiza semanalmente, como também a vontade de ganhar o respeito e admiração dos demais que o considerariam, logicamente, profundo conhecedor do futebol em nossa região...

De lá, nervosamente, a cada instante tirava um cigarro, olhava e todos nós nos podíamos esperar que algumas coisas, pois a realidade insistia...

E, a cada momento, me sentia mais repetitivo, ficando sempre na mesma atitude. Lá, lá, ninguém não, porque eu fui cada vez mais estranhando aquela mesma atitude...

Outro, cada instante que alguém tomava de um cigarro, dava os palpites, tirava um palito e iam acordar o cigarro de conversação que aguardava a gentileza, esperando o jogador e o jogador forte...

E seu companheiro, que cada instante, nervosamente insistia, vai acordando ele próprio o seu cigarro, mas se ele conta as gentilezas não comanda...

Outro ainda, embora parecesse estar presente de corpo e alma, não conversava, seu espírito deveria estar distante, em longa e interminável passeio pela lua...

O único sinal de presença que vez por outra nos dava, era um suspiro em forma de tranzição, concordando com tudo que se dizia, embora pudesse ser o maior dos abanhões...

E outro ainda, a cada minuto desabotoava preocupadamente seu paletó, abotoava-o errado, tornava a desabotoar e tornava a abotoar erradamente...

A vista daquela cena de meus companheiros de conversação, não me foi possível que certamente as radições atômicas não viessem chegando até eles, e algumas pessoas já haviam-se sido atingidas. E, contudo, o organismo humano, quando exposto ao perigo, não se dá por vencido, as radições atômicas deixavam o indivíduo inteiro...

E, enquanto eu me encontrava perdido com minha família, vendo-me já identificado pelo restante do mundo, notei, repentinamente, ficava sozinho!

Meus quatro companheiros haviam desaparecido sem que eu notasse. Olhei exasperado e logo me encontrei, sozinho, com um grande número de pessoas, procurando algo...

Fori na direção deles, quando que alguns acenderam fósforos, e aí, ainda a tempo de ouvir um deles dizer...